

Zo'é: os Tupi da fronteira do mundo

Eles já foram chamados de "Poturús" (uma referência ao tembetá de madeira "poturú", que todos utilizam a partir de determinada idade) e como "os amáveis selvagens redescobertos", numa alusão crítica a divulgação na mídia internacional de sua docilidade e espontânea sociabilidade diante das câmeras globais. Cá entre eles, são apenas "Zo'é", ou simplesmente "Nós", a primeira pessoa pronominal. Não arriscaríamos dizer tratar-se de uma "autodenominação", como a antropologia política costuma rotular, mas, indubitavelmente, uma expressão identificadora que dimensiona uma sociedade centrada em si mesmo (como tantas outras sociedades indígenas já o foram, hoje extintas ou em acentuado esfacelamento populacional e cultural) e em crescente processo de descoberta e espanto diante do "outro" - a gente que vem de além da fronteira do mundo, os "kirahí".

LOCALIZAÇÃO & HISTÓRICO:

Os Zo'é habitam seu território "tradicional", ou de usufruto imemorial para as gerações mais recentes, situado entre os rios Cuminapanema, Erepecuru e Urucuriana – municípios de Óbidos e Alenquer, noroeste do Estado do Pará, Amazônia Brasileira. Falantes monolíngües de idioma da família Tupi-Guarani, foram conhecidos no final dos anos 80 como um dos últimos povos Tupi a entrar em contato efetivo com a sociedade ocidental. A população atual é de 224 indivíduos (julho/2005), e verifica-se franco crescimento demográfico, graças principalmente à estabilização do quadro de saúde proporcionado por uma ação contínua e atenciosa por parte da Frente de Proteção Etnoambiental Cuminapanema, instância local da CGII-Coordenação Geral de Índios Isolados-FUNAI.

O histórico de sua presença nesta região reporta a contatos esporádicos, por vezes conflituosos, com elementos eventuais da população envolvente: mateiros, caçadores, castanheiros, bem como movimentos de interiorização estimulados por atritos com povos indígenas rivais - talvez grupos Karib que atualmente ocupam a área onde se situa o Parque do Tumucumaque, ou povos diversos extintos antes que a Etnografia ou o Estado os tenham registrado a contento.

Desde a década de 70 a FUNAI dispunha de informações referentes a grupos isolados na região, constatados por sobrevôos realizados pela SUDAM/DNPM (Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia/Departamento Nacional de Pesquisa Mineral) e o órgão indigenista oficial chegou a editar Portaria e designar sertanistas para acompanhamento da questão (Portaria COAMA 25-06-76, criando o "Posto de Atração Cuminapanema"). Mas o ocaso da então planejada Rodovia Perimetral Norte levou o órgão indigenista oficial ao adiamento de uma atuação direta, provavelmente partindo do princípio que, em não havendo ameaça iminente ao(s) referido(s) povo(s), o "contato" regular não era prioritário ou desejável. Na esteira desta ausência, no início dos anos 80 a missão evangélica MNTB - Missões Novas Tribos do Brasil, braço nacional da *New Tribes Mission* americana, de caráter fundamentalista e proselitista, lançou-se à empreitada de localizar, atrair e contatar os índios do Cuminapanema, através de expedições sistemáticas e da construção de uma base local na faixa sul do território indígena. Após muitas tentativas de aproximação

rechaçadas e contatos rápidos, enfim os missionários proclamaram o ano de 1987 (novembro) como o ano do "contato" com os Zo'é. Neste mesmo ano, a recém criada CII-Coordenadoria de Índios Isolados (FUNAI-BSB) interdita a "Área Indígena Cuminapanema-Urucuriana" (Portaria PP- 4098-30/12/87), mas limitações de recursos financeiros adiam a ação do órgão indigenista na área.

Em 1988 a MNTB alerta à FUNAI o crítico estado de saúde dos Zo'é, o que deflagra uma batalha institucional que culmina com a expulsão dos missionários em 1991. A disseminação de doenças infecto-contagiosas entre os Zo'é, principalmente respiratórias, originadas a partir dos contatos esporádicos e sem uma imprescindível visão sanitária e epidemiológica por parte dos agentes religiosos, que até então controlavam o processo de aproximação e relacionamento interétnico com os Zo'é, havia exterminado cerca de ¼ da população indígena de então. As acusações de parte a parte entre as duas agências persistem até os dias de hoje, dando origem a processo junto ao Ministério Público e Polícia Federal- encerrado por falta de provas- e gerando farto material difamatório na imprensa. Os Zo'é são capazes de listar ainda atualmente os nomes e parentesco de mais de 40 indivíduos que teriam morrido em virtude de contágio, entre os primeiros contatos com os missionários e o ano de 1989, ano no qual a FUNAI passou a registrar regularmente nascimentos e óbitos.

Em 1991 a FUNAI assume presença exclusiva entre os Zo'é, em meio ao caos de um grave quadro de morbi-mortalidade, sedentarização da população em torno dos postos das duas agências de contato, que coexistiram e se confrontaram dentro do território indígena entre 1989-1991, crescente dependência alimentar e de bens supérfluos e, sobretudo, progressiva desestruturação sócio-cultural dos Zo'é. A partir de 1989, apoiados pela FUNAI, antropólogos do NHII/USP- Dominique T. Gallois, Luís D.B. Grupioni e Nadja H. Bindá - realizaram levantamentos etnográficos diversos e trabalhos de campo no território indígena, o que permitiu consubstanciar todo o processo identificador e delimitatório da Terra Indígena Zo'é (Portaria 309/Pres. FUNAI-04/04/97 e posteriormente P.D.365 de 23/04/2001). A partir de 1992 a lingüista tupinóloga Ana Suelly Arruda Câmara Cabral tem desenvolvido em campo estudos classificatórios da língua Zo'é, apoiada pelo Prof. Aryon Dall'Igna Rodrigues, dando origem ao primeiro dicionário da língua Zo'é, em processamento.

ASPECTOS CULTURAIS:

Não beligerantes por opção, os Zo'é parecem muito distantes da famosa verve guerreira dos Tupi históricos de outrora: ao contrário, são eminentemente negociadores e avessos ao confronto. Sua coesão social traduz-se por constantes movimentos de concentração e dispersão de grupos familiares e aliados por todo seu território, em constantes transações de bens materiais, prestações de serviços, negociações matrimoniais e trocas cerimoniais. O casamento poligâmico, tanto masculino quanto feminino, é um dos pilares fundamentais da extensa rede de alianças entre os diversos grupos familiares, com relevância para a poliandria, que entre os Zo'é é altamente estimulada e desejável socialmente como esteio das relações familiares e políticas. Ressalte-se que entre os Zo'é a poliandria não é eventual nem apenas "tolerada" como mecanismo de equilíbrio demográfico, como ocorre entre alguns povos Tupi da atualidade (a pirâmide populacional Zo'é mantém notável equilíbrio numérico por gênero), mas assume o caráter pleno descrito por Cooper (J.M.Cooper, citado por R.B. Laraia, 1963), ou seja, "formas de matrimônio que são sancionadas socialmente e padronizadas culturalmente, envolvendo cooperação econômica e coabitação residencial, bem como todos os privilégios sexuais." Na

sociedade Zo'é, é comum que uma mulher, particularmente quando tem várias filhas (mas não necessariamente), case-se com vários parceiros, alguns dos quais poderão futuramente desposar suas filhas. Neste sistema, a tendência à uxorilocalidade é marcante, ressaltando-se o fato de que a mãe da esposa de um indivíduo freqüentemente ser igualmente sua esposa, o que virtualmente eliminaria a categoria "sogra". Aliás, os casamentos múltiplos e sucessivos entre os Zo'é parecem ser um dos motivos para a limitada utilização dos "termos de parentesco" enquanto vocativos, pois as múltiplas possibilidades de matrimônios diversos através do tempo, que basicamente divide os outros em cônjuges virtuais ou interditados, imprime aos Zo'é a peculiaridade de ser uma sociedade Tupi onde a maioria das vezes as pessoas são chamadas por seus nomes próprios - cite-se ainda que o indivíduo assume diversos nomes próprios ao longo da vida.

Aspectos de cooperação econômica e aliança política também são preponderantes na definição dos matrimônios múltiplos, pois ocorrem casamentos poligâmicos mesmo quando não existem descendentes imediatos disponíveis para um casamento posterior. E muitos casamentos se consubstanciam como uma espécie de "compensação" relativa a um matrimônio anterior entre duas famílias, numa permanente busca de reciprocidade e proporcionalidade que sedimenta as relações políticas e econômicas de grupos aliados através do tempo.

Em geral, as negociações matrimoniais são conduzidas por homens maduros dos núcleos familiares, alguns homens influentes que os Zo'é eventualmente (e apenas contextualmente) referem-se como "yü", palavra que significa suporte, esteio: é a mesma palavra aplicada à viga mestra da casa, à coluna vertebral em relação ao corpo, ao cilindro central de uma lanterna. É uma condução sutil, pois todos os parentes imediatos findam opinando, inclusive rememorando eventos passados ou conjeturando futuros. Diríamos que os "yü" são homens vividos e empreendedores, que ao longo da vida notabilizaram-se pela iniciativa na abertura de novos caminhos e "lugares" (roçados, construção de casas, estruturação ou reativação de "aldeias"), bem como nas negociações e manutenção de alianças políticas. A cultura Zo'é não reconhece chefes nem xamãs, e os "yü" poderiam ser vistos apenas como diluídas lideranças nucleares; de qualquer forma, sustentáculos do modo de ser cultural dos Zo'é, e de seu difuso modelo de poder coletivamente pulverizado.

Tais aspectos intergeracionais dos casamentos poligâmicos entre os Zo'é asseguram extensas redes de alianças familiares ao longo de várias gerações. É comum, ou mesmo ideal, que um homem se case com uma mulher de uma ou duas gerações anteriores, e durante este casamento conviva por vários anos com uma filha de um outro matrimônio desta mulher (ou mesmo uma neta), a qual, futuramente, após a puberdade da mesma, será sua esposa. Homens maduros ou mesmo idosos casam-se com meninas que serão ensinadas e treinadas por suas outras esposas adultas, e ao atingirem a puberdade poderão ser cedidas (ou não) em casamento a algum dos descendentes jovens de seu marido. E homens muito jovens, pré-adolescentes ou adolescentes, se casam com mulheres maduras ou idosas que, de certa forma, se tornam "condutoras" de seu aprendizado social até que surja a oportunidade de um casamento com uma mulher de sua geração. As mulheres mais velhas desempenham importante papel pedagógico e político, visto que são as responsáveis pela iniciação sexual e transmissão prática aos homens jovens de inúmeros aspectos culturais e de subsistência relativos ao viver Zo'é. Enfim, o casamento entre os Zo'é – e não apenas o casamento em si, mas também relações sexuais eventuais negociadas como troca de favores ou de prestação de serviços – permeiam e delimitam um grande número de relações políticas e econômicas que se expressam em alianças ou evitações formais

observáveis cotidianamente. A intensa mobilidade geográfica de núcleos e famílias, em constantes deslocamentos por caminhos múltiplos e localidades de usufruto sazonal, promove relacionamentos sociais altamente dinâmicos, alimentados por eventos e aproximações gerados pelas atividades econômicas e cerimoniais.

Na cultura material, os Zo'é compartilham vários elementos culturais do que chamaríamos de "tradição Tupi": são caçadores por excelência (caçam exclusivamente com arco e flecha), dominam a minuciosa tecnologia da produção da mandioca (*Manihot utilissima*) e seus derivados e seu principal produto de coleta é a castanha-do-pará (*Bertolletia excelsa*), importante complemento protéico armazenável praticamente durante todo o ano. Os roçados são familiares, e além da mandioca cultivam tubérculos diversos (*ipomoea* e *dioscorea*), pimentas (*capsicum*), vários tipos de bananas (*musáceas*), bem como o algodão (*Gossypium sp.*), utilizado para a confecção de adereços, amarrações de flechas e as indispensáveis tipóias, onde as crianças pequenas são carregadas. As redes tradicionais, bastante duráveis e pesadas, são confeccionadas com a entrecasca da castanheira, e apenas recentemente alguns Zo'é elaboraram modelos similares com o algodão nativo, bem mais leves, e a um custo ecológico mais razoável. O urucum (*Bixa orellana*) é indispensável como tintura das peças de algodão, e como adorno corporal na pintura feminina – a pintura extensa do corpo com o vermelho do urucum, para as mulheres, é elemento estético imprescindível para denotar embelezamento e asseio, assim como a tiara de penugem de urubu-rei, as muitas pulseiras de ouriço da castanha e a pulseira mais larga, incrustada com fragmentos da carapaça do *sowe'hú*, um tipo de caramujo da floresta, e ainda brincos de sementes com acabamento de fios torcidos de algodão. Os homens utilizam estojo peniano confeccionado com tiras da palha da palmeira *sakuri'ruãm*, adornam-se com colares de dentes, sementes e fragmentos de tucumã (apreciam também incluir pequenos objetos ocidentais, como partes coloridas de plásticos, de metais ou zíperes, numa reinvenção estética de *design* reciclado...), amarrações de algodão e eventualmente com pinturas escuras de jenipapo (*Genipa americana*).

O adorno labial dos Zo'é, o *m'berpót*, é o distintivo étnico por excelência, e a referência visual coletiva do *ser Zo'é*. Confeccionado com a madeira clara e macia de uma árvore nativa, o *poturú*, chega a medir 08 cm de diâmetro e 20 cm de comprimento, nos adornos de adultos, e caracteriza a face Zo'é. É ostentado com orgulho como distintivo de beleza e identidade social, e segundo a cosmologia Zo'é, sua utilização foi ensinada pelo antepassado *Sihíé'abyr* (o falecido *Sihíét*), uma espécie de "herói cultural" quase onipresente na tradição oral no que se refere ao saber Zo'é. A cerimônia de furação da área inferior do lábio (feita com um osso apontado da perna de macaco coatá - gênero *Ateles*) e implante do primeiro e pequenino *m'berpót* é um dos ritos de passagem mais importantes de inclusão e vínculo social coletivo, e tem ocorrido por volta dos 07 anos nas meninas e 09 anos nos meninos, após o que será substituído periodicamente por adornos maiores, até atingir o tamanho adulto.

Utensílios em cestaria são confeccionados pelas mulheres (abanos, tipitis, peneiras, pequenos cestos para guardar penas e pontas de flechas), mas ambos os sexos confeccionam a mochila vegetal descartável, o *pehít*, trançado com as folhas da palmeira *sakuri* e extremamente útil para transportar qualquer carga eventual que surja em meio aos muitos trajetos pela floresta. A arte plumária exemplifica-se na cuidadosa confecção das flechas e da tiara feminina, feita da alva penugem do peito do urubu-rei (*Sarcoramphus papa*), bem como os elaborados adornos (cocares e braceletes) utilizados exclusivamente durante os *seh'py*, as festas rituais promovidas entre os diversos núcleos como trocas cerimoniais.

A cerâmica é utilitária e fundamental na produção alimentar, pois os caldos, farinhas e beijús dos Zo'é são cozidos ou assados nas grandes panelas de cerâmica, escuras e lustrosas, que assumem diversos formatos e tamanhos e são confeccionadas através de minucioso processo tradicional dominado pelas mulheres e repassado de geração a geração. Alguns indivíduos adquiriram panelas de alumínio nos primeiros anos de relacionamento interétnico, e ainda é um item cobiçado pela leveza de seu transporte, mas é de praxe que nas localidades de usufruto constante sempre permaneça certo número de panelas tradicionais básicas, que embora tenham uma "dona" (a mulher que as confeccionou) torna-se de uso coletivo, pois todos os eventuais passantes podem dispor da utilização das mesmas, desde que mantidas no local.

A pesca foi incrementada com a aquisição de anzóis metálicos e linhas de nylon, mas foi mantida a pesca tradicional com flechas-arpões artesanais e com o timbó (*Lonchocarpus sp*), que retira o oxigênio de pequenos trechos represados, estonteando os peixes. As caçadas costumam ser individuais, mas determinadas épocas do ano são marcadas pela abundância de determinado animal em certas áreas do território (como, por exemplo, o "tempo macaco-gordo" ou o "tempo do urubu-rei"), o que movimenta contingentes para acampamentos estratégicos, onde pequenos ou grandes núcleos se estabelecerão durante uma temporada, dando continuidade ao viver Zo'é com todas as suas minúcias e dinâmica social. A abundância de porcos-do-mato (queixada, *Tayassu pecari pecari*, em Zo'é: *tadza'hú*), que se deslocam em grandes bandos em certas épocas, promovem o excitante espetáculo da caçada coletiva aos mesmos, onde enquanto os homens correm velozmente ao encalço dos porcos, tentando abater à flechadas o maior número possível, as mulheres se acotovelam para a captura dos filhotes assustados, que serão levados como *xerimbabos* (em Zo'é, *'raimbé*) e criados com muito zelo. Os Zo'é criam uma infinidade de animais silvestres, quando têm a oportunidade de capturá-los ainda infantes, mas mantêm uma relação especial com os porcos-do-mato, que se tornam como cães familiares, avisando com seu trincar de dentes característico a aproximação de estranhos ao espaço doméstico. Aliás, os Zo'é relatam que num tempo anterior à recriação da humanidade pelo demiurgo *Ninpuhân* (destruída num cataclismo onde são citados um grande dilúvio e uma saraivada de fogo caído dos céus), alguns *tadza'hú* foram transformados em Zo'é, o que lhes reporta miticamente alguma afinidade genealógica com os queixadas.

Diversos ritos de passagem marcam períodos simbólicos do desenrolar da vida Zo'é: há cerimônias associadas ao nascimento, ao pós-parto, à furação do queixo para inserção do primeiro *mber'pót*, à primeira menstruação das meninas e ao primeiro queixada caçado pelo menino, à primeira anta caçada pelo adolescente, aos matrimônios formais e aos ritos fúnebres. Atração de sortilégio utilizando partes dos animais cobiçados (para o sucesso na caça), bem como banhos e outros procedimentos de "purificação" (o conceito de saúde entre os Zoe é construído a partir da ausência de impurezas e corpos ou entes estranhos em seu próprio corpo) são rituais mais cotidianos, alimentados no seio familiar e sem alarde, quase sempre orquestrados com a cadência de cânticos milenares que se situam entre a música e o diálogo ou monólogo ritual. Os Zo'é são de intensa musicalidade, e é muito comum que as mulheres desempenhem a maior parte das tarefas domésticas murmurando seus cantos rituais, como é freqüente depararmos com os homens andando pelos caminhos da mata com uma das mãos em concha sobre o ouvido, entoando baixinho sua música e acompanhando seu tonal em ensimesmado exercício acústico.

O ritual coletivo mais marcante, que alimenta a dinâmica social entre os diversos núcleos Zo'é sem dúvida é o "*Seh'py*", que é o nome da festa e também o

nome da bebida servida abundantemente a partir de determinado momento da festa. A bebida, naturalmente fermentada, pode ser feita de qualquer fruto ou tubérculo que esteja sazonalmente disponível: bacaba, cará, patauí ou outros, desde que seja em grande quantidade. A festa, assim chamada pelo nome genérico da bebida, pode ser uma comemoração de aliança matrimonial, uma retribuição cerimonial a uma homenagem anterior ou o palco para a furação sublabial de uma criança da família. Mas é sempre pensada e planejada com alguma antecedência (mesmo porque envolve a disponibilidade ecológica de alguns elementos rituais, como a matéria prima para a bebida e as fibras para a confecção da longa saia de dança utilizada pelos homens, o "sy'pi", que é um elemento de purificação ambiental), sendo precedida por muitos convites rituais e preparações simbólicas.

O "seh'py" expressa profundamente tanto a aproximação coletiva dos diversos núcleos familiares quanto os distanciamentos rituais que permeiam a cultura Zo'é. É o momento mágico e único onde todos os homens podem dançar com todas as mulheres, embora durante esta dança os gestos sejam marcadamente cerimoniais e milimetricamente observados, e as mulheres mantenham o olhar ritualmente afastado de seu momentâneo parceiro de dança. Há um caminho delimitado a se percorrer, uma forma de se chegar, um lugar para se aguardar e um momento específico de se adentrar na festa, conforme a origem e a relação do grupo que chega com o anfitrião da festa. Há cantos específicos, danças específicas e todo um desenrolar coletivo de memórias das tradições orais de eventos e mitos do passado. Há uma atualização de toda a cosmologia Zo'é, que no seh'py se ressocializa e exerce seu poder de coerção às novas gerações. Depois de uma noite inteira de danças e cantos, os homens Zo'é rompem a manhã bebendo e expelindo ritualmente toda a bebida que possam ingerir, pois o fim da bebida ritual não é alimentar nem enlevar ao transe o indivíduo. Ela será toda e coletivamente vomitada, como se esta emissão gástrica voluntária e coletiva fosse a epifania em que a sociedade desarraigasse seus males numa grande celebração purificadora da vida. É assim a catarse coletiva dos Zo'é: celebrar seu *modus vivendi* purificando cada um e todos os homens, extirpando coletivamente do âmago de seus corpos qualquer traço que os afaste da consciência pública de pertinência a uma e única sociedade humana, a sociedade onde todos são "Nós", por mais que exista os que são imediatos e aliados, e os que não compartilham os mesmos caminhos (os Zo'é de outras aldeias e núcleos), que devam ser ritualmente evitados, mas que são parte imprescindível de um todo.

POLÍTICA INDIGENISTA E FRICÇÃO INTERÉTNICA - RUMOS:

Toda esta vitalidade cultural em tempos de globalização e de visível e frustrante descontrole das políticas sociais e ambientais para a conservação da floresta amazônica e dos povos da floresta não são, de forma alguma, fortuitas ou meramente fruto do isolamento geográfico dos Zo'é. Após o malfadado contato com fins proselitistas e de perdas demográficas que poderiam tê-los levado à extinção, os Zo'é pareciam condenados à triste trajetória palmilhada por inúmeros povos indígenas no Brasil: desagregação social, dependência econômica, perda de identidade cultural e progressiva incorporação aos padrões de miséria social dos índios genéricos. Mesmo nos primeiros anos de atuação do órgão indigenista oficial, em que pesem os maciços e imprescindíveis investimentos na recuperação da saúde coletiva, bem como os encaminhamentos jurídicos para o reconhecimento do território indígena, as práticas locais de relacionamento entre a agência de "contato" e os Zo'é repetia o mesmo e desencantado modelo paternalista de doações e trocas materiais e de serviços

absolutamente não criteriosas, perpetuando a sedentarização de grupos específicos em torno do posto de assistência e reforçando redes de privilégios completamente incompatíveis com a integridade da cultura Zo'é. Tais trocas, que chegaram a incluir alimentação "de branco" cedida regularmente em contrapartida a serviços braçais e miçangas em troca de informações antropológicas, ampliavam o continuísmo do modelo missionário, e encaminhavam os Zo'é para a vala comum dos índios "integrados" à sociedade (melhor seria dizer "desintegrados" por ela...).

Este quadro de previsível destino começou a modificar-se efetivamente a partir do ano de 2000, quando num processo interno de amadurecimento autocritico em curso, a CGII transformou as tradicionais "Frentes de Atração" em "Frentes de Proteção Etnoambientais", sinalizando o esforço de redimensionamento de visão e ação deste setor específico da FUNAI junto aos povos indígenas isolados sob sua jurisdição. Em 1996, com a designação do indigenista João Lobato como chefe-de-posto do Cuminapanema, já se iniciara uma gestão de modificações internas que ratificariam uma ação diferenciada na condução política e administrativa dos trabalhos junto aos Zo'é. Apoiado pelo sertanista Sydney Possuelo, então chefe da CGII - Lobato, cuja formação e trabalho indigenista originara-se nos meios alternativos no início dos anos 80, trazia como bagagem uma significativa experiência de campo e sensibilidade crítica em relação às interfaces dos processos de "contato", e neste momento político pode enfim dispor de suporte institucional para promover um processo inédito de "saneamento cultural", reforçando o progressivo resgate da autonomia econômica e social dos Zo'é, aliado ao controle do acesso externo (ao menos, do acesso oficial) à Terra Indígena. Um processo extremamente trabalhoso, complexo, prenhe de incertezas e amplamente criticado, mas que sem dúvida tem rendido aos Zo'é dividendos incomparáveis em termos de saúde, conservação ambiental e plenitude cultural, possibilitando a este povo o exercício de seu *modus vivendi* de forma integral e concatenando crescimento demográfico com qualidade de vida.

Na atualidade, os Zo'é retomaram plenamente sua intensa mobilidade geográfica, que traduz a amplitude de todas as trocas internas - econômicas, sociais e cerimoniais - que são o cerne de sua cultura. A despeito da aquisição de certo número de itens básicos de tecnologia externa, que beneficiaram a produção alimentar e a segurança em relação aos acidentes na selva (facas e facões, machados, anzóis e linhas, instrumentos agrícolas básicos, lanternas e pilhas), tais itens são cedidos equitativamente pela Frente, que mantém controle individual das doações, eliminando necessidade ou vontade dos Zo'é em instalarem-se no entorno da sede da Frente. Os Zo'é têm acesso a informações diversas através de vídeo, utilizado como instrumento de propagação de idéias e questionamentos sobre o mundo externo, outros povos indígenas, sistemas de produção, meio-ambiente. Equipes de saúde e de documentação acessam a área apenas quando autorizadas pela CGII/FUNAI, o que permite um controle epidemiológico pontual importante para a estabilização do quadro imunológico da população.

A Frente Cuminapanema dispõe de profissional de saúde em tempo integral, e a CGII tem dotado a área de excelente infra-estrutura para o atendimento à saúde, inclusive com consultório odontológico completo e ambulatório adequadamente equipado, permitindo atendimento diário e rápido nas urgências solucionáveis em área, e uma articulação externa eficiente, ainda que informal, para a agilização das urgências que exigem evasão da área. O quadro vacinal é periodicamente atualizado, através de equipes de saúde da FUNASA, instituição que também promoveu na área campanhas antimaláricas sistemáticas em conjunto com a CGII. A malária, que se tornara

endêmica após o contato, teve sua incidência sobremaneira reduzida, alcançando índice zero durante o biênio 2002/2003. Mesmo na ocorrência de falhas de programação, atendimento e fornecimento de medicamentos por parte da FUNASA, o que infelizmente tem sido recorrente nas áreas indígenas em geral, a CGII tem providenciado suporte eficaz em todas as questões de saúde entre os Zo'é, graças também ao dinamismo e esforço abnegado da equipe da Frente, que vem desenvolvendo um trabalho extremamente positivo e continuado junto aos Zo'é. Esta equipe naturalmente ressentem-se de todas as limitações que o isolamento geográfico impõe, inclusive a carência de informações externas, de uma articulação política mais ampla, de condições materiais e humanas para realização de vigilância territorial efetiva e mesmo de segurança individual num contexto de interesses espúrios e cobiça crescente sobre o território Zo'é.

A questão axial deste quadro diz respeito ao futuro imediato do desenrolar de novas relações interétnicas, inevitáveis dentro do processo histórico de expansão do capital global que restringe dia após dia as fronteiras dos "limites do mundo", que é como expressam os Zo'é a respeito das franjas de seu território. A CGII espera que uma ação pedagógica em longo prazo, utilizando o diálogo, as imagens em vídeo, as visitas seletivas e as discussões internas em sua própria língua, produza reflexões críticas coletivas suficientes que permitam aos Zo'é certo amadurecimento político, deixando-os mais preparados e menos vulneráveis aos impactos dos confrontos interétnicos que inevitavelmente virão adiante. Os Zo'é, instigados pela curiosidade e sedução material irresistível do admirável mundo novo dos *kirahí*, já não temem os vírus e bacilos dos invasores, cientes de que a presença permanente da Frente sempre dará pronto atendimento a qualquer problema de saúde. Alguns jovens já utilizam rudimentos da língua portuguesa aprendidos aqui e ali em anos de convívio fragmentado, com a avidez de quem percebe que a palavra é o exercício de poder que transpõe o limiar entre todos os mundos. E, novamente, na brecha entre a intenção e a ação efetiva, religiosos proselitistas, entre outros, assediam os Zo'é nos limites da Terra Indígena, acenando com roupas, panelas e quinquilharias diversas - segundo os Zo'é, até um telefone celular já foi demonstrado, revelando o propósito de oferecer como dádiva dos céus os objetos materiais que "a Funai não dá". A intenção, já verbalizada por um dos "missionários" interessados, é adquirirem glebas limitrofes à Terra Indígena e atraírem os índios para fora - já que a FUNAI não os autoriza a ação dentro da T.I.

O virtual isolamento dos Zo'é está a cada dia mais comprometido com a expansão da agroindústria da soja e a inexorável materialização da rodovia BR-163 (Cuiabá-Santarém), fatos econômicos que estão redesenhando aceleradamente todo o quadro de ocupação fundiária no oeste do Pará. O setor madeireiro, um dos segmentos mais articulados e politicamente coesos na região, precursores de primeira hora dos campos de monocultura, já iniciaram sua expansão devastadora a partir dos núcleos urbanos regionais (Santarém, Oriximiná, Óbidos), projetando-se sobre o limite sul da T.I., e aproximam-se perigosamente das "*fronteiras do mundo*". Melhor será que estas fronteiras se expandam para os Zo'é, do que vê-las fagocitadas pela voracidade dos *kirahí*. É o momento de um olhar percuciente sobre nossas ações, e imunes a certezas ideológicas ou convicções prévias, reunirmos atitudes sinérgicas em prol da integridade e perpetuação da vida do povo Zo'é, os Tupi da Fronteira do Mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CABRAL, A.S.A.C. - "Notas sobre a fonologia do Jo'é" – Moara: Estudos de Línguas Indígenas - Revista dos Cursos de Pós-Graduação em Letras-UFPA, 1996.
- "Algumas Evidências Lingüísticas do parentesco genético do Jo'é com as línguas Tupi-Guarani"- *ibidem*.
- FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO–MINISTÉRIO DA JUSTIÇA-Departamento de Índios Isolados--"Sistema de Proteção ao Índio Isolado"- FUNAI—PP nº1047/88-28/08/88, Brasília, 1988.
- FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO-MINISTÉRIO DA JUSTIÇA-Departamento de Índios Isolados-"Relatório Final – Reunião das Frentes de Contato-2000", Brasília, abril de 2000.
- FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO/DEPARTAMENTO DE ÍNDIOS ISOLADOS/Frente de Proteção Etnoambiental Cuminapanema-"Projeto Zo'é: Por uma Alternativa Crítica de Contextualização Interétnica", Brasília, 2001.
- FRIKEL, P. - "Classificação Lingüístico-Etnológica das tribos indígenas do Pará Setentrional e zonas adjacentes"- Revista de Antropologia, vol.6/2, São Paulo, 1958.
- GALLOIS, D.T. & BINDÁ, N.H. – "Relatório de Identificação da Terra Indígena Zo'é" (Portaria 309/Pres. FUNAI-04/04/97), São Paulo, 1998.
- LARAIA, R.B. - "Arranjos Poliândricos na Sociedade Suruí"- Revista do Museu Paulista, v.XIV, São Paulo, 1963.
- LOBATO, J.C.S. – "Situação Zo'é: O Aprendizado de um Contato" – P.IN. Cuminapanema, 1998.
- "Relatório de Atividades e Avaliação Anual-julho-novembro 2003" – Frente de Proteção Etnoambiental Cuminapanema, Terra Indígena Zo'é, 2003.